

MAR NOSSO LWANDLE RA HINA

GARY ALLPORT, BUTCHECA, JOÃO DONATO, JANE LADAN, GRANT LEE NEUENBURG, PEKIWA, NAÍTA USSENE

CHRISTINE CIBERT CURADORIA

Extensão azul, infinito e misterioso, berço de lendas e crenças de todos os tempos, o mar foi favorável à exploração, à conquista de novas terras e às descobertas científicas, mas foi também campo de batalha, muitas vezes infrutífera contra o poder da sua natureza. Rotina de ondas que nascem, enrolam e rebentam numa repetição infinita, faz eco das vidas daqueles que nascem, vivem e morrem noutro ciclo eterno. Grandioso e sublime, desproporcionado e mágico, furioso e ameaçador, imortal e tirânico, o mar é uma das principais fontes de fantasias e inspiração de artistas, carregando muitas vezes conotações contraditórias, teatro dos sentimentos transpostos para cor e luz.

Para esta 4ª edição de Mar Nosso, pronunciado *Lwandle Ra Hina* em Changana, optamos por reunir sete artistas moçambicanos e estrangeiros - Butcheca, João Donato, Pekiwa, Naíta Ussene, Gary Allport, Jane Ladan, Grant Lee Neuenburg - que cada um nas suas técnicas artísticas, o trabalharam nos seus universos pessoais através de sete elementos principais - corais, pescadores, peixes, areia, conchas, barcos e redes de pesca - tornando-os aqui em temas de esculturas, pinturas, fotografias e cerâmicas que nos mostram o Mar, o seu mar.

CURADORIA SARA MACHADO

“Tudo começou numa noite de trovoadas...”, a 19 de Abril de 2016 os barcos de pesca da Macaneta foram levados pelo mar que os foi devolvendo em destroços ao longo das semanas seguintes. Sou filha do jornalista Machado da Graça. O meu pai, ao saber do infortúnio dos pescadores, resolveu abrir uma conta de solidariedade para os ajudar. O dinheiro recolhido foi-lhes entregue de forma a que pudessem tentar reconstruir os barcos perdidos. Mas os despojos que foram dando à costa pareciam coisa de Mar arrependido do mal causado pela sua cruel fúria e pediam que lhes dessemos algum uso em prol da causa. Contactei o Pekiwa e o Butcheca, cujo trabalho admirava, para que trabalhassem estes materiais dando-lhes nova vida, resgatando também alguma possibilidade de melhoria de condições de trabalho dos pescadores. Eis-me hoje co-responsável por esta exposição com um leque diversificado de bons artistas, nacionais ou residentes em Moçambique, tentando através dela reunir mais alguns fundos para ajudar essas famílias e simultaneamente homenagear o meu pai, falecido em Julho passado, e a forma como se entregou sempre de peito aberto às causas de quem não tem.

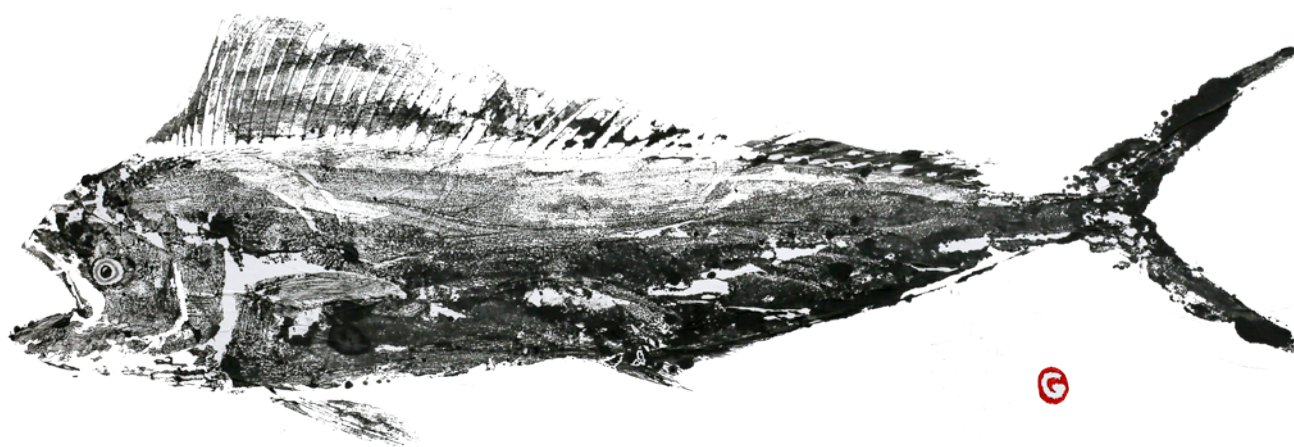
JANE LADAN 1986, CUREPIPE, MAURÍCIAS

Cresceu nas Maurícias, uma ilha culturalmente rica e com muita diversidade, no Oceano Índico, com tradições e influências originariamente da China, África, Europa e Índia. Já viveu na África do Sul, Quênia e Canadá e, de momento, vive em Moçambique. É pintora, escultora e fabricante de jóias, graduada pela Escola de Arte de Ottawa. O seu trabalho celebra as ricas cores e texturas encontradas na biodiversidade, particularmente no fundo do mar. «Sendo motivada pela temática da vida e da morte, nesta nova série de esculturas transformei troncos fazendo neles renascer anémonas e líquenes. Tanto os corais mortos como os vivos me inspiram para a cor».



1978, MAPUTO, MOÇAMBIQUE BUTCHECA

Desde a sua 1ª exposição individual em 2002, expôs com regularidade tanto nacional como internacionalmente: Portugal, Alemanha, Angola e Japão. Tem o seu trabalho representado em várias colecções públicas e privadas em Moçambique e no estrangeiro. «A vida do nosso mar e das suas gentes foram o ponto de partida para os trabalhos que apresento nesta exposição. O mar dos pescadores de barquinhos à vela e das mamas de bacias na cabeça, que procuram o sustento diário nos recursos que este lhes oferece. São essas as personagens que povoam a paisagem de mangais que tanto caracteriza a costa marítima da cidade onde nasci. Ao perto foram essas as imagens que fui observando e absorvendo e, ao longe, por entre o movimento contínuo das ondas que baloçam os barcos no horizonte, lembro as histórias de navegantes de outros tempos, arrastadas pelos ventos que agitam as nossas memórias.» O artista apresenta aqui duas peças sobre o tema, sendo que a escultura «Peixe Viajante» é resultado do desafio de solidariedade com os pescadores da Macaneta.





1953, MAPUTO, MOÇAMBIQUE

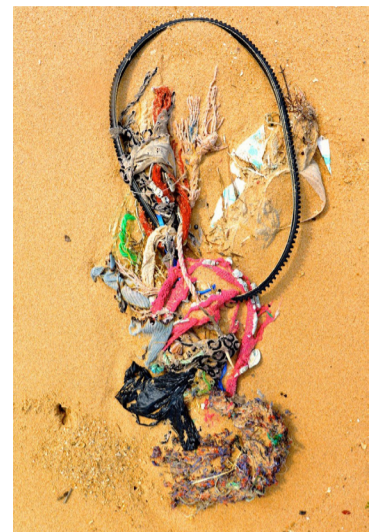
JOÃO DONATO

João Donato é o ceramista moçambicano que António Cabrita definiu como o homem ideal para lhe traduzir a sombra numa peça de cerâmica. No caso desta exposição e pelo desafio em causa, trouxe-nos um cardume já conhecido mas ao qual se vieram juntar muitos outros elementos criando uma nova família efémera e definindo uma diferente dinâmica de grupo. Esta peça foi explicada por ele como um "school of fishes". Na tradução para a língua inglesa faz-se a distinção entre um grupo de peixes de diferentes espécies que se agrupam como forma de defesa de predadores mas que à primeira se dispersam – shoal of fishes – e um cardume homogéneo de uma só espécie que se comporta como um grupo coeso e sincronizado - school of fishes. Temos portanto em re-make, este cardume desordeiro e heterogéneo com novas coreografias.

GRANT LEE NEUENBURG

1964, NEBRASKA, E.U.A.

1964, EUA. Formado em jornalismo na Universidade do Nebraska, Estados Unidos da América. Vive em Moçambique desde 1992, depois de muito viajar por África como fotógrafo *free lance*. Representante da agência Reuters em Moçambique. Participou no Foto Rio em 2007 e desde 2008 que trabalha para a Rio Tinto documentando o trabalho de exploração mineira da empresa. Exposições: 1993, junto de Ricardo Rangel chamada Espírito de Sobrevivência. Em 1995, Moçambique, Ópera de Paz por ocasião do IIIº aniversário da assinatura do Acordo Geral de Paz com texto de Malangatana. 1996: Life Goes On - Instalação multimédia no Museu de Arte de Pretória. 2013: XiLuNGuiNi, na galeria Kulungwana, em Maputo. Transforma fotografias de texturas em quadros abstractos, onde a natureza é artista e o fotógrafo é aquele que regista e enquadra o trabalho do tempo que desenha nos elementos as marcas da sua passagem



1986, MAPUTO, MOÇAMBIQUE

PEKIWA

Nascido na Costa do Sol, a sua vida sempre andou paralela ao Mar. Do vasto trabalho realizado, foram as canoas vindas da Ilha de Moçambique que se tornaram a sua imagem de «marca». Seria quase insultuoso ter uma exposição devotada ao tema sem o convidar a si e à vida de todos os que se dedicam à pesca inscritos nas suas embarcações. Quem as vê fala de totems, de espíritos antigos que acompanham a faina, mas o artista vê nelas a inspiração do material que o convoca a nele deixar gravadas as histórias de quem navega à procura de sustento. Além da canoa, Pekiwa apresenta uma peça nova, fruto do desafio feito a favor dos pescadores da Macaneta que perderam os seus barcos em 2016. Apesar do seu barco ser quebrado pela força da natureza, brutal e impiedosa, Pekiwa usou essa mesma força como energia vital para a sua regeneração.

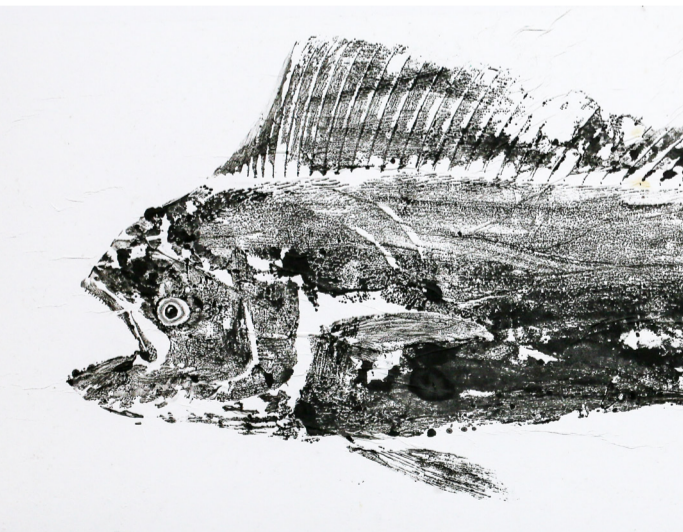
NAÍTA USSENE

1959, ANGOCHE, MOÇAMBIQUE

"Eis-me aqui, de peito aberto, homem feito peixe, peixe feito homem.

Sou um capricho, filho de sol e mar, da lua e do vento. Na verdade sou uma costela do mar, ligeiro como a brisa, suave como a brisa ao entardecer. O mar sem mim não tem sentido, nem eu existo sem ele.

Sou um pescador, mas isso não define nada. Sou um emaranhado da rede, o fruto que a água salgada e caprichosa me dá e pelo qual luto desde os tempos mais antigos. Ergo-me ao canto primeiro do galo de crista empinada como a onda mais altaneira e regresso com a primeira púrpura da lua cheia. Trago na rede todos os meus sonhos, o alimento para os meus, os outros e todos aqueles que me ajudam a sonhar debaixo das nuvens, debaixo do sol, acima do ser que me justifica: O mar! Eu sou o capricho, filho do sol e do mar. E por capricho o mar é hoje generoso no que põe na rede, como amanhã me nega tudo. Só por capricho." Fernando Manuel



1962, WOLVERHAMPTON, REINO UNIDO

GARY ALLPORT

Gary Allport é um ornitólogo doutorado. É originário do Reino Unido e vive actualmente em Maputo.

Já trabalhou com e sobre pássaros no Quénia, Indonésia, Serra Leoa e Coreia. É um amante de pássaros marinhos e do mar e tem sido um pescador entusiasta toda a sua vida. O seu interesse na técnica Gyotaku japonesa de impressão de peixes, partiu desta sua paixão pela pesca e pelas formas de arte simples. O facto de viver em Maputo deu-lhe a oportunidade de apanhar e imprimir peixes extraordinários, de diferentes tamanhos e fascinante diversidade. Gary é também um interessado pela música, dança, gastronomia e viagens pelo continente Africano.

AGRADECIMENTOS

A todos os artistas participantes e todos os parceiros nesta aventura, a Damien Capeau, Jesper Milner Henriksen, Guilherme Godinho, António Cabrita, Emma Brigham, João Machado da Graça, Perpétua Gonçalves, Elsa Teixeira Gomes, Bilal Puita, António Manhiça, Michel Le Pechoux, Jun e Maiko.

Mar Nosso - Lwandle Ra Hina

Curadoria: Christine Cibert & Sara Machado

Este folheto é uma publicação do Centro Cultural Franco-Moçambicano

e da Embaixada de França em Moçambique

Design Gráfico: Damien Capeau

Editorial: Christine Cibert & Sara Machado

Impressão: Matimba Consultoria

Tiragem de 200 exemplares. Tiragem única.

Impresso em Junho 2017, Maputo.

JANE LADAN, Poder aos corais, 2014, Madeira e técnica mista, 115cm x 27cm.

BUTCHECA, Movimento do Mar, 2016/17, Óleo e acrílico s/ tela, 140cm x 240cm.

JOÃO DONATO, Cardume (V5), 2013/17, Variável – instalação de peças de 22cm, Técnica pigmentos e esmaltes sobre terracota, 2017.

GRANT LEE NEUENBURG, Guachenografia III, 2015, Fotos impressas em tela, 100cm x 150cm.

PEKIWA, Ondas, 2014, Escultura, Canoa, metal e cinto, 360cm x 80cm x 60cm.

NAÍTA USSENE, Radiografias da luz e Uteres de sombras! Filhos de sol, anos 80 e 90, Prova de contacto preto e branco, 40cm x 60cm.

GARY ALLPORT, Wahoo, 2017, Impressão gyotaku colada em tela, tinta preta, 190cm x 50cm.

